

SINVAL DE ABRANCHES

com ilustrações de

BETO MARTINS

ONDA DE CALEOR

edital

MURILÃO

Programa Cultural
Murilão

FUNALFA

Juiz de Fora
Prefeitura



ONDA DE CALOR

escrito por

SINVAL DE ABRANCHES

ilustrado por

BETO MARTINS

edital
MURILÃO

— Programa Cultural —
Município Menor

FUNALFA

Juiz de Fora
Prefeitura



Consultoria em biologia e mudanças climáticas
Ludmilla Valadares Santos

Criação e projeto gráfico
Sinval de Abranches | 42inc.

Capa e ilustrações
Beto Martins | Viana Black Estúdio



Vou contar para o leitor
Uma história de amargura
De uma planta e sua cria
No meio da quentura
Num sertão de céu de brasa
Que o Sol sem dó desfigura.



E nesse chão esturricado
De poeira e solidão
Vivia ali uma plantinha
Mostrando obstinação
Um pé de caju-anão
Em sua curta estação.



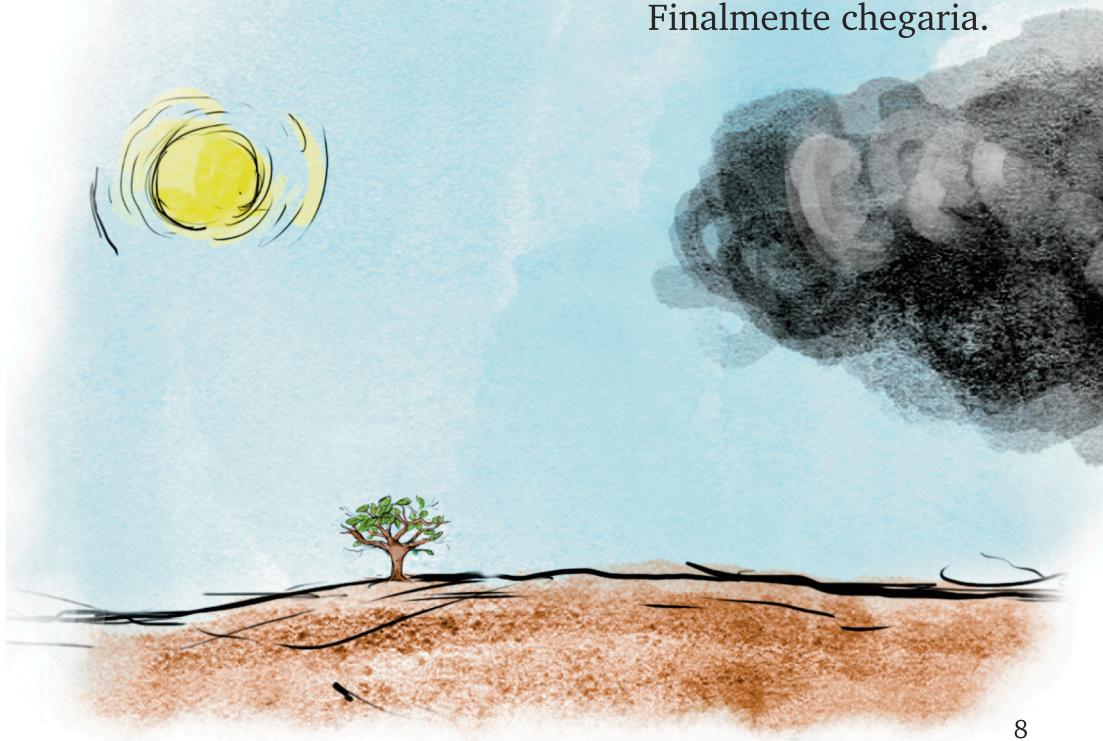
De repente, o fruto cai
E no chão fica a semente
A planta-mãe cutucou
Com seu galho, impaciente
Vendo que não se mexia
Fez um plano em sua mente.



Com a raiz, cavou a terra
Com cuidado e com seu galho
Fez pra semente um abrigo
Pra livrá-la do trabalho
De lutar contra o sol forte
Sem amparo ou agasalho.



O tempo então se arrastou
Numa lenta agonia
Até que lá longe, no céu
Uma mancha se fazia
Parecia que a chuvinha
Finalmente chegaria.



Mas da nuvem tão escura
Só uma gota pingou
Que tristeza, que amargura
A chuva não chegou
Mas a planta, com bravura
A semente abrigou.



Com sua folha mais viçosa
Fez uma sombra, um telhado
Pra guardar a umidade
Daquele pingo isolado
Ficou na mesma postura
Com seu corpo inclinado.



Curvada, em sacrifício
O seu verde escureceu
Começava o seu ofício
A pobre planta morreu
Cumprindo o seu suplício
E em pó se converteu.



A folha, um manto sagrado
Guardava em si um segredo
Do chão seco e maltratado
Nasceu um broto sem medo
Um pingo de verde ousado
Findando o grande enredo.



Ao Leitor

Prezado leitor amigo,
Já chego ao fim da narração
Deixo aqui, guardado antigo,
 Versos de meu coração.
Eu agradeço a paciência,
De ouvir a minha ciência.

Que a história da plantinha,
 Com sua luta e seu valor,
Deixe em sua alma a marquinha
 De esperança e de amor.
Pois na mais rude peleja,
Sempre é a vida que festeja.

O amanhã não é coisa dada,
Que a gente aprenda o recado
 Desta semente sagrada
Que da terra do vil pecado
 Já nada brota deste chão
Sem o carinho de uma mão.